



Comunicado de Imprensa nº 14/175
PARA DIVULGAÇÃO IMEDIATA
24 de Abril de 2014

Fundo Monetário Internacional
Washington, D.C. 20431 EUA

FMI projecta crescimento robusto na África Subariana em meio a mudanças nas forças mundiais

Ao apresentar o relatório do FMI do primeiro semestre de 2014 sobre as perspectivas económicas regionais para a África Subariana, a Sra. Antoinette Sayeh, Directora do Departamento de África do FMI, fez a seguinte declaração no dia de hoje:

“O forte crescimento dos últimos anos na região subsariana deve continuar, segundo as nossas expectativas, passando de 4,9 por cento no ano passado para cerca de 5½ por cento em 2014, com o respaldo de níveis elevados de investimentos em infra-estruturas e mineração. O crescimento nos países de baixo rendimento da região deve permanecer elevado, próximo dos 6,9 por cento em 2014.

“Contudo, estas perspectivas estão sujeitas a mais riscos de deterioração do que no passado recente.

“Alguns dos factores que favoreceram o crescimento na região começaram a enfraquecer. Em especial, a mudança na composição da procura mundial — e do crescimento em alguns grandes mercados emergentes — está a provocar uma queda dos preços dos produtos primários. As condições financeiras mundiais mais restritivas também elevaram o custo do financiamento para muitos países. Caso essas tendências venham a manter-se, provavelmente constituirão um entrave ao crescimento em muitos países da região.

“É preciso dar mais ênfase à sustentação da estabilidade macroeconómica que apoiou o crescimento elevado dos últimos anos. Para a região como um todo, os défices fiscais estão elevados em vista do forte crescimento actual e dos preços ainda altos dos produtos primários. Em muitos casos, isto reflecte níveis elevados e justificáveis de investimentos públicos financiados por empréstimos em condições devidamente concessionais e com prazos de vencimento suficientemente longos. Em alguns poucos casos, porém, houve um aumento acentuado dos défices orçamentais em virtude de fortes elevações dos gastos correntes, financiados, em parte, por fluxos de carteira voláteis.

“Na generalidade, avaliamos que o impacto destes ventos contrários sobre a actividade na região será limitado na maioria dos países. Contudo, não cabe adoptar uma postura

complacente. A política orçamental, sobretudo, precisa estar mais atenta ao ciclo económico. Sempre que o crescimento vai bem, é necessário conter e reduzir gradativamente os défices, com destaque para o aumento da mobilização de receitas. Nos países em que são evidentes os desequilíbrios macroeconómicos, urge adoptar políticas correctivas. E, naturalmente, o restabelecimento da paz e da estabilidade continuam a ser a prioridade em países como a República Centro-Africana e o Sudão do Sul, onde os conflitos actuais estão a cobrar um preço tremendamente alto.”

A Directora também salientou algumas das constatações de um dos capítulos de fundo da publicação, que trata da promoção do crescimento duradouro e inclusivo. “Na maioria dos países, o forte crescimento económico dos últimos anos ajudou a melhorar os resultados em termos de desenvolvimento e reduzir a pobreza. Contudo, esta relação não é automática e, em alguns casos, ficou aquém dos padrões estabelecidos por outras regiões de crescimento acelerado. Por exemplo, de modo geral, Moçambique tem vindo a registar um crescimento tão rápido quanto o do Vietname, mas a pobreza tem recuado de forma mais pronunciada no país asiático. Um motivo importante para isto é o crescimento liderado por manufacturas com uso intenso de mão-de-obra aliado a fortes aumentos da produtividade agrícola no Vietname. Com vistas ao futuro, será necessário dar mais atenção às áreas em que há bastante espaço para a geração de empregos, como o sector agrícola e as empresas familiares. Políticas que promovam a inclusão financeira podem ajudar a facilitar a criação de postos de trabalho nestas áreas.